

# POSTO, PRESSUPOSTO E SUBENTENDIDO NO DISCURSO POLÍTICO: UMA ANÁLISE A PARTIR DE MANCHETES DE JORNAIS<sup>1</sup>

## POST, ASSUMPTION AND SUBDENTED IN POLITICAL DISCOURSE: AN ANALYSIS FROM NEWSPAPER HEADLINES

Taís Camini<sup>2</sup>

Taíse Neves Possani<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo apresenta uma análise discursiva de manchetes de jornais, presentes tanto na capa, quanto no interior dos mesmos, em dois jornais de circulação gaúcha, *Zero Hora* e *Correio do Povo*, entre os meses de setembro a outubro de 2018. Pesquisa à luz dos estudos da semântica, da pragmática da enunciação e do discurso, pensando na utilização dos pressupostos, subentendidos e postos presentes nas manchetes, referentes ao período político. Considero a análise da semântica e da pragmática pois esses elementos em manchetes de jornais dão ênfase no texto, contexto, situação de produção, discurso, efeito de sentido e influência dos mesmos em seus leitores. Em uma apreciação comparativa/contrastiva do material, no *corpus* selecionado para análise, busco identificar o discurso adotado pelos meios de comunicação, baseada nos estudos de Antunes (2010), Austin (1990), Benveniste (2005), Ducrot (1977) e Fiorin (2002 – 2004). Uma das conclusões desse estudo é que as manchetes, muitas vezes, posicionam os sujeitos –leitor- no processo de enunciação, induzindo-os e deixando clara, por consequência, suas intenções. Finalmente, trago a conclusão das análises, ressaltando o fato de que os dois meios de comunicação possuem abordagens diferentes ao mesmo fato noticiado. Observo que os discursos presentes nos jornais *Zero Hora* e *Correio do Povo* são diferentes pois, na maioria das vezes, fica perceptível, marcada a sua opinião, sem neutralidade.

Palavras-chave: discurso político - leitor- posto- pressuposto- subentendido

### ABSTRACT

This article presents a discursive analysis of newspaper headlines, present on the covers as well as inside. We selected two newspapers of Rio Grande do Sul circulation, *Zero Hora* and *Correio do Povo*, between the months September-October 2018. I search in the light of the of semantic studies, the pragmatics of enunciation and discourse, thinking about the use of the presuppositions, implied and present positions in the headlines, regarding to the political period. I consider the analysis of semantics and pragmatics because these elements in newspaper headlines in the text, context, production situation, discourse, sense effect and influence of these elements in their readers. In a comparative/contrastive evaluation of the material, in the corpus selected for analysis, I try to identify the discourse adopted by the media, based on studies by Antunes (2010), Austin (1990), Benveniste (2005) and Fiorin (2002 - 2004). One of the conclusions of this study is that the headlines often position the subjects - leitor - in the process of enunciation, inducing them and consequently making clear their intentions. Finally, I bring the conclusion of the analyzes, emphasizing the fact that the two media have different approaches to the same fact reported. I note that the discourses present in the newspapers *Zero Hora* and *Correio do Povo* are different because, most often, is noticeable, marked its opinion without neutrality.

Keywords: political discourse – reader – assumptions – positions – implied

<sup>1</sup> Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para obtenção do título de LICENCIANDO EM LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS À Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul- UNIJUÍ em dezembro de 2018.

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Letras Português- Inglês- UNIJUÍ- dezembro, 2018.

<sup>3</sup> Professora do Curso de Letras Português-Inglês da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUI. Mestre em Letras e orientadora do trabalho.

## **Introdução**

Neste trabalho de conclusão de curso realizo uma análise sobre as manchetes de jornais, tendo como base o posto, pressupostos e subentendidos apresentados nas mesmas, além de fazer levantamentos acerca da semântica e da pragmática que se encontram nos referenciais teóricos. Para realizar esta análise, foi preciso uma pesquisa bibliográfica, além de verificar manchetes de jornais que fossem compatíveis para a execução da mesma.

Para um leitor conseguir ler as entrelinhas – mensagem passada - e conseguir mergulhar nas intenções e objetivos do texto, é preciso que realize um treinamento de percepção analítico-reflexiva. Um aspecto que facilita esse processo de percepção, automaticamente gerando a compreensão, é o exercício de entender os atos de pressupor e subentender.

Partindo desses recursos, o leitor adquire a compreensão de um texto ou discurso, podendo tornar-se, assim, mais visível ao interlocutor e possibilitando, portanto, uma posição favorável, ou não, perante os enunciados que lhe são destinados: a de interpretante competente. Para que isso seja uma ação consciente, deve-se levar em consideração a linguagem enquanto forma de ação ou interação, podendo ser esta tecida por uma gama de intenções.

Cada enunciado produzido acaba por sustentar um ponto de vista que, muitas vezes, não é demonstrado. Compreender uma enunciação é nada mais que apreender essas intenções. Diante disso, o ato de realizar a análise de um enunciado e, por sua vez, o discurso nele marcado não pode se resumir em somente entender o que foi dito, faz-se necessário perceber em qual nível se inscreve a significação do enunciado produzido em determinados contextos, sendo assim, ser possível compreender o sentido explícito e implícito do enunciado.

Uma vez que nos servimos da língua como ferramenta para transmitir o que temos desejo de externar, realizamos isso de forma estratégica, construímos então o modo como o discurso será apresentado para que se consiga eximir de certos conteúdos, quando for conveniente, com o propósito de verificar as atividades de pressupostos e postos para a formação de um leitor crítico-reflexivo. Com base em teóricos como: Antunes (2010), Austin (1990), Benveniste (2005), Cardoso (2003), Ducrot (1977), Fiorin (2002 – 2004), entre outros renomados autores.

### **1- Pressupostos teóricos e conceituais**

Ao considerarmos o discurso, através dos estudos de Bakhtin, percebemos que o mesmo possui regras, existindo e possuindo sentido se ocorrer dentro do tempo, do espaço e da pessoa que enuncia, criando efeitos de sentidos para que o processo de discursivização obtenha

sucesso. Desse modo, quando estudamos as mudanças sofridas pela língua, percebemos as suas variações linguísticas, influenciadas pelos aspectos sociais e culturais, perpassando através dos anos, sendo impossível ignorar os fatores espaço e tempo, por exemplo, nas lendas, canto e danças passadas de geração em geração.

Benveniste (2005), entretanto, deixa-nos claro que a comunicação não ocorre somente na fala, mas também por sinais e códigos que podem transmitir mensagens, fazendo com que haja comunicação dentro de outras organizações da sociedade, por exemplo, a comunicação já percebida entre a sociedade dos animais - muito diferente da comunicação dos humanos, como por exemplo, “na sociedade das abelhas, que são avisadas quando uma dentre elas descobre uma fonte de alimento “ (p. 60).

Para os humanos, a comunicação se dá através da enunciação que para ele significa “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 1989, p. 82).

O discurso, dir-se-á, que é produzido cada vez que se fala, esta manifestação da enunciação, não é simplesmente a “fala”? - É preciso ter cuidado com a condição específica da enunciação: é o ato mesmo de produzir um enunciado, e não o texto do enunciado, que é nosso objeto. Este ato é o fato do locutor que mobiliza a língua por sua conta. (BENVENISTE, 1989, p. 82)

Nesse sentido, segundo Austin (1990), a pragmática estuda a linguagem e seu uso, ou seja, a enunciação supõe a conversão individual da língua em discurso. Ela é um ramo da linguística que analisa o uso concreto da linguagem pelos falantes. Esse estudo é extremamente importante, pois existem palavras e frases cuja interpretação só pode ocorrer na situação concreta de fala, devido ao que cada palavra significa, levando em consideração a intencionalidade do sujeito falante, ou seja, estudo os atos de fala.

Os primeiros pesquisadores dos atos de fala foram John Austin e Paul Grice “para debater a realidade de ação da fala, ou seja, a relação entre o que se diz e o que se fala – ou mais acuradamente, o fato de que se diz fazendo, ou se faz dizendo” (MUSSALIM & BENTES, 2004). Austin, diz que a linguagem não tem uma função descritiva, mas sim, de agir. (FIORIN, 2004). Desse modo, o homem realiza atos durante a sua fala. Já, Grice mostra a linguagem natural, comunicando mais do que significa um enunciado. Isso devido ao fato de que, durante a nossa fala, enunciamos implícitos. Quando enunciamos algo, possuímos o objetivo de informar algo a alguém.

Além dos atos de fala é preciso considerar a análise do discurso e os estudos linguísticos possuem três eixos importantes, segundo a concepção do pesquisador Fiorin (2004), são elas:

a enunciação, a inferência e a instrução. A primeira é o ato de produzir os enunciados concretos, ou seja, as realizações linguísticas que designam um evento ou possuem uma função referencial, no caso dos dêiticos, enunciados performativos, uso de conectores, negações e advérbios de enunciação.

Nesse sentido, Benveniste diz que a enunciação é o ato produtor do enunciado, “a enunciação é essa colocação em funcionamento da língua por um ato individual de utilização”. (1976, p.80). Devido a sua singularidade, nunca reproduziremos duas vezes o mesmo enunciado com as mesmas palavras e intencionalidade.

A enunciação, segundo Fiorin (2002), é possível ser analisada e estudada, pois, ela pode ser considerada uma teoria narrativa que, por consequência, é um simulacro de ações humanas, uma teoria de ações, contendo elementos do discurso, cheio de implícitos e competências discursivas, que engloba as narrativas e dizem respeito ao texto em si, os mecanismos argumentativos utilizados e os efeitos de sentidos que suas palavras podem causar no ouvinte.

Outra competência utilizada na linguística é essencial para a produção de um enunciado, refere-se ao fato de que o falante precisa conhecer as regras gramaticais tanto morfológica, fonológica quanto sintática, assim como a gama lexical que o idioma possui. Precisa, também, saber as competências intertextuais, para perceber as relações existentes entre os textos que farão relação no momento da textualização, sem se esquecer da situacionalidade, que diz respeito ao momento em que se dá a comunicação entre os parceiros do ato comunicativo.

Para que haja sucesso na comunicação entre os falantes, não dependerá apenas do conhecimento de mundo que o enunciador possui, mas sim, o que receptor possui, pois, o enunciado fará sentido quando levado em consideração os aspectos culturais e ideológicos. Já determinados discursos são constituídos de máximas conversacionais, ou seja, injunções discursivas que ora são mantidas e ora são violadas.

Além disso, segundo Fiorin (2004), utilizamo-nos das inferências para que outros enunciados sejam incentivados, assim, as inferências precisam estar dentro de um contexto ou situação de enunciação para que possam fazer sentido ou serem entendidos pelos ouvintes, principalmente se os falantes usarem expressões indiretas para tratar de determinado assunto, envolvendo as questões da diferença dos termos sentido e significado. A inferência dentro dos enunciados possui a função de implicar em outros enunciados.

Na questão da instrução, ela está relacionada com o uso de conectores, conjunções, preposições e advérbios. Sua função varia de acordo com o contexto linguístico em que as mesmas são colocadas, pois, assim, será possível interpretar essas palavras dentro do sentido

esperado pelo enunciador. Segundo Fiorin (2004), um bom exemplo é o uso da conjunção, “mas”, que dependendo do seu uso no enunciado, dará diferente significado à frase.

Para além dos estudos da enunciação, a língua passará a ser considerada, segundo Ducrot (1977), como um jogo de regras em que as vivências cotidianas influenciam, chamando, assim, de pressuposição linguística. Para Ducrot, a tese principal é “a de que o fenômeno da pressuposição (...) faz aparecer, no interior da língua, todo um dispositivo de convenções e de leis, que devem ser compreendidos como um quadro institucional a regular o debate dos indivíduos” (p 13).

Percebemos, assim, que os implícitos e a pressuposição, ou seja, os não-ditos, muitas vezes, se confundem com o dito. Ducrot (1977, p.13) nos explica o uso dos implícitos dentro dos discursos, apresentando duas funções dentro das relações sociais. A primeira é devido à proibição de alguns vocábulos ou como Ducrot chama de “tabus linguísticos”, que são palavras consideradas proibidas, tanto por sentido de respeito e bom costume, ou por serem assuntos delicados de serem tratados em público.

A segunda função dos implícitos ocorre quando nos comunicamos, uma vez que deixamos o caminho aberto para discussões e diálogos possíveis, como ressalta Ducrot (1977, p.14) “Tudo que é dito pode ser contradito”, utilizado para estimular uma interação social, troca de opiniões, expressão de pensamentos que tornam possíveis as discussões. Essa segunda função é utilizada pelos enunciadores para explanar um assunto sobre o qual ele queira conversar, discutir, sendo assim necessário que alguém pense, reflita e depois exponha suas ideias.

Desse modo, segundo Ducrot, alguém declara um determinado enunciado, o mesmo possui uma significação; essa pessoa frequentemente tem a impressão de registrar um dado, de constatar um fato. Os únicos dados, no entanto, que a experiência lhe fornece, não são do enunciado, mas sim, das múltiplas ocorrências possíveis que esse enunciado nos possibilita. O que não podemos fazer é decidir qual é a significação do enunciado fora de suas ocorrências possíveis, isso implica ultrapassar a constatação e criar, assim, uma hipótese que precisa ser justificável e fazer sentido dentro de um contexto da realidade.

Levando essas hipóteses de entendimento em consideração, o enunciado tem muitos sentidos além do que é pronunciado, como, no exemplo de Fiorin (2004), se alguém lhe perguntar: *Você tem fogo?* não se está perguntando simplesmente a ele se dispõe de um objeto, com o qual se possa acender alguma coisa, mas se está pedindo que empreste esse objeto, pois se pretende acender um cigarro, por exemplo.

Outra maneira de interpretar os implícitos presentes nos enunciados é através dos subentendidos, que são “certos atos com efeito, podem ser interpretados como tentativa de fazer admitir sua própria possibilidade” (DUCROT, 1977). Assim, podemos entender o subentendido como uma análise mais aprofundada do discurso, que, como lembra Ducrot, (1977, p.16), que o discurso não é algo fácil ou sem sentido, tudo possui uma intencionalidade ou um objetivo final. Será esse objetivo final que fará com que os implícitos existam e possibilitem conclusões palpáveis em relação ao enunciado.

Um momento no qual encontramos subentendido é quando escrevemos abreviações, onde o implícito é reconstituído pelo ouvinte, ou seja, o enunciador disse X, mas o receptor entendeu a mensagem como Y. Dessa forma, o que fez sentido, como Ducrot (1977), apresenta “o implícito não é encontrado, mas reconstituído”, entendendo a língua como um instrumento de transmissão da informação, existindo mecanismos extralinguísticos que possibilitem essa variação de entendimentos, seguindo o raciocínio de que as palavras possuem vários significados durante o ato de fala, ou seja, o sentido que ganham durante a sua enunciação.

Algumas vezes esse entendimento literal das palavras pode ser de ordem involuntária, que ocorre quando o receptor recebe a mensagem, havendo primeiramente a reflexão sobre o dito e não uma decodificação da intenção do locutor, isso é também o que explica a ocorrência do dito X e entendimento Y. Esse fato nem sempre é esperado ou planejado pelo locutor, mas o ouvinte entendeu dessa maneira involuntariamente, devido ao seu psicológico não decodificar, mas sim, refletir e analisar o dito.

O que se torna tão significativo num ato de enunciação, não é mais apenas o enunciado, mas o fato de ele ter sido, num dado momento, objeto de uma enunciação. E o significado não é mais somente o sentido do enunciado, mas o conjunto de condições sociopsicológicas que devem ser satisfeitas para que ele seja empregado. Cria-se, assim, uma espécie de código conotativo, que liga diretamente a cada enunciação o conjunto de significações implícitas que nos parecia ligado primeiramente a ela por marca discursiva. (DUCROT, 1977, p.51).

É importante destacar que, segundo Ducrot (1977) que a pressuposição estudada, primeiramente por Frege, na antiguidade, deixava claro que a pressuposição é um pensamento, um julgamento, e é muito importante o valor da verdade nesse julgamento.

Para que haja comunicação e entendimento entre as pessoas e não julgamentos, precisamos seguir algumas regras que regem qualquer ato de linguagem. Essas regras são relevantes em todas as relações existentes dentro da sociedade, como de pais para filhos,

professores e aluno e homens e mulheres, por exemplo, precisamos que haja uma parceria social, pois, os falantes possuem a liberdade igualitária e podem surgir conflitos consequentes dessas relações.

Esses conflitos ou desconfortos que ocorrem durante as falas, também existem nos textos impressos. Isso ocorre quando lemos alguma notícia, artigo, folder, etc, e encontramos palavras que estejam representando um grupo sexual ou social, por exemplo, quando generalizamos e escrevemos que “os estudiosos de pragmática fizeram grandes descobertas sobre o discurso”. Algumas pessoas podem entender o artigo masculino “os” e “estudiosos” como esquecimento voluntário das mulheres que contribuíram para essas pesquisas ou uma generalização desnecessária da participação do sexo feminino dentro das descobertas desse assunto.

Dessa forma, as escolhas das palavras dentro de nossos discursos geram esses desconfortos por tratar de assuntos polêmicos que na atualidade cercam a sociedade: os direitos de gêneros, étnicos, religiosos, diferenças socioeconômicas, éticas. Questões consequentes da generalização causam ambiguidades ou dúvidas no ouvinte - leitor, influenciados pelos conhecimentos linguísticos e extralinguísticos.

O discurso é, portanto, algo complexo, possui regras, exige que os falantes e ouvintes conheçam a estrutura da língua, tanto morfológica quanto sintática e lexical para que haja entendimento. Ela é coletiva e terá sentido quando ocorrer no ato de fala, os envolvidos precisam se situar no tempo, espaço para a enunciação fazer sentido, levando em consideração a ideologia e cultura.

Desde muito cedo, nas escolas, ouvimos falar de texto e textualidade, a estrutura para a escrita que precisa conter um começo, meio e fim, sendo proposto que ao decorrer de sua escrita, precisamos fazer reflexões e dominar questões gramaticais. Antunes (2010) ressalta que recorreremos a um texto quando possuímos a pretensão de comunicar ou expressar algo a alguém “não se instaura um texto sem uma função comunicativa” (p. 30). Sem esquecer que quando pensamos na estrutura de um texto, precisamos admitir que um conjunto de palavras ou frases aleatórias não constitui um texto, precisamos focar em uma organização estrutural para que as frases se encaixem formando enunciados comunicativos.

Para que um texto tome forma, precisamos partir de uma temática/de um tema central que será analisado e discutido ao seu decorrer, possuindo assim uma intencionalidade por parte do autor, que irá conduzindo o seu leitor argumentativamente. Para que haja interação entre o autor-texto-leitor, gerando uma aceitabilidade por quem receber aquele texto, impactando-o

positiva ou negativamente, precisará organizar as informações colhidas da leitura gerando a informatividade e conhecimento.

Dessa maneira, segundo Antunes (2010), a intencionalidade do interlocutor se dispõe, ou não, a falar aquilo que fará sentido ao receptor, ou seja, será coerente com as informações que traçará em seu texto. Já a aceitabilidade será parte responsável do receptor, que fará o esforço necessário para processar o que foi lido, havendo ao final, a cooperação entre autor e leitor.

Uma propriedade importante do texto para que haja a atividade social entre autor e leitor, é a situacionalidade, que é a condição para que o texto aconteça, ou seja, “um texto não ocorre no vazio, no abstrato, fora de um texto contexto sociocultural determinado”, (ANTUNES, 2010, p.34). O fator sociocultural também será responsável em cuidar da linguagem empregada no texto, respeitando o evento/ambiente em que o texto circula.

Existem conceitos fundamentais que devem ser considerados no quesito da linguística textual, sendo o primeiro, a textualidade que engloba a análise e aspectos como coesão e coerência. O segundo conceito refere-se à competência textual, baseada nas competências linguísticas que permitem parafrasear textos, resumi-los e avaliá-los, definindo-os como completos e coerentes, como o de origem.

O autor precisa se utilizar de interações comunicativas, fazendo-se presente e participativo, de modo que o leitor perceba a sua presença no decorrer das linhas, deixando claras as suas marcas linguísticas, como autoria, estilo de escrita, escolhas de palavras e sinônimos.

É dessa forma que a atenção dos leitores no contexto de leitura pode interferir na estrutura do discurso jornalístico, ainda que seja fundamental mencionar que as limitações sociais, como tempo, situação e os objetivos de leitura controlam, em última instância, a variação na distribuição da atenção. Desse modo, o fator situacionalidade é imprescindível para o entendimento do contexto do discurso jornalístico, ou seja, conjunto de fatores que tornam um texto relevante. É através dela, que a notícia trazida pelo jornal fará sentido para os leitores, dentro da situacionalidade ou contexto dos leitores.

## **2- Análise de implícitos e silenciamentos (não dito) em manchetes de jornais**

Com o intuito de informar as pessoas, o jornal impresso atingia grande parte de leitores. O jornal evoluiu, ele é algo mais completo, pois aborda questões como: o esporte, beleza e



lazer. Também, contempla diferentes gêneros textuais como crônicas, artigos de opinião e sem esquecer as críticas sociais e charges.

Um dos elementos do jornal é a manchete, ou seja, o título de uma notícia. Com o objetivo de cativar o leitor para determinados enfoques, faz uma ligação entre o enunciador e o leitor. Em muitos casos, deixa nítida a intenção ao trazer determinadas notícias. Podemos perceber isso através das palavras escolhidas pelo redator, o local em que notícia se encontra, pontos de destaque, como a capa e as primeiras páginas, os meios escolhidos para conquistar a atenção do público-alvo, pensando na linguagem utilizada, tamanho da letra, de modo a ficar mais visível, ou não.

E qual seria o motivo que leva o enunciador de uma manchete mascarar ou explicitar suas intenções? No momento, compreendemos que o discurso jornalístico utiliza diferentes mecanismos linguísticos, como o posto, a pressuposição, o subentendido, a encenação discursiva, para apresentar as informações ao público-alvo, de modo a dissimular a intencionalidade discursiva.

Percebemos que a linguagem utilizada pelos meios não é neutra, ela é usada e tem o poder de persuadir e convencer a quem a ouve ou lê. Desse modo, os jornais se utilizam da linguagem e de jogos linguísticos para convencer ou impactar o seu leitor. Além das palavras, o jornal se utiliza da capa, escolhe o tamanho da fonte da letra que melhor expressará o seu ponto de vista e importância dada aos eventos que ele considera convenientes, podendo ficar nítido a quem/o que ele defende ou quer “condenar”.

Desse modo, fica a cargo do ouvinte – leitor, a obrigação de apurar seu senso crítico para saber interpretar os fatos, poder ler, entender, analisar e refletir sobre o que lê. Não pode ser ingênuo e aceitar prontamente o que as mídias lhe trazem pois, segundo GOBBI (2009), a neutralidade dos jornais possui uma relação que se refere à ética, tanto por parte do jornal, como também do jornalista, que precisa tomar cuidado com suas escolhas de autoria, para não manifestar a subjetividade ou conteúdos inconscientes durante a escrita.

Quando os jornalistas estão dispostos a noticiar algum fato através de um texto, eles podem ser responsáveis pela falta de neutralidade presente, “por mais que se use a polidez da linguagem sempre terá a manifestação da subjetividade” (GOBBI, 2009, p. 18)

Levando em conta que a linguagem é uma representação discursiva, a notícia constrói uma certa realidade. Quando o jornal transforma o fato em notícia tem o objetivo de tornar a notícia atraente, chocante, bela, emocionante, etc. À medida que esses

recursos vão se efetuando, conseqüentemente as marcas subjetivas vão sendo deixadas pelo enunciador. (GOBBI, 2009, p. 18)

De acordo com a autora, quando o jornal procura “enfeitar” muito a notícia para que fique atraente aos olhos do leitor, ele deixará implícitos ou explícitos seus pensamentos, a opinião do jornalista ou colunista, pois, como já citado, o texto possui um objetivo, que no caso dos jornais, não é passar os fatos fielmente, mas sim, organizar a notícia de tal maneira que o leitor queira ler, “importante ressaltar que devemos estar cientes dos dois lados da moeda” (GOBBI, 2009, p. 18).

O enunciado nunca atingirá o receptor com o mesmo sentido com o qual o enunciador o falou, devido aos possíveis entendimentos que o receptor poderá ter através de sua compreensão, pelo seu conhecimento de mundo, sua cultura e ideologia.

As manchetes de jornal são ferramentas importantes para causar impacto inicial sobre o leitor, pois, é através dela que o jornal apresentará os fatos a serem noticiados, podendo cativar, ou não, a vontade pela leitura do restante da notícia. Segundo Farias, (2001, p.196), no jornal impresso, as manchetes possuem algumas funções como:

Em primeiro lugar, atrair o olhar do leitor; em segundo, permitir-lhe decidir o que quer ler, mas ao mesmo tempo estimulá-lo a ler o texto todo da notícia. Visualmente, ajudam a estruturar a página, tornando-a mais atraente. E, por fim, manchetes e títulos contribuem para dar ao leitor crítico uma imagem da identidade do jornal ou de sua linha de informação.

Desse modo, como a autora apresenta, os redatores procuram escrever suas manchetes de modo que se utilizem de palavras adequadas a apresentarem um aspecto visual perfeito à notícia que virá a seguir. Ainda, apresentará “o tamanho e o tipo de letra, os espaços em branco no seu entorno, a localização na página e suas relações com os outros componentes da notícia” (FARIA, 2001, p. 196).

Outro elemento utilizado como ferramenta jornalística são os recursos das funções da linguagem, como apresenta Faria, (2001):

As funções da linguagem, na classificação de Jakobson, já popularizadas há décadas, têm o papel básico no texto noticioso em geral. A presença de várias funções combinadas, nos títulos e manchetes, determinam aquilo que vai atingir o leitor: o denotativo ou referencial, com elementos básicos do fato; o conotativo, no conteúdo ideológico, claro ou subentendido da informação; o emotivo, quando o texto visa, também ou exclusivamente atingir a psicoafetividade do leitor; e finalmente a função poética, no sentido amplo que lhe dá Jakobson, como jogo de palavras e sons, imagens, enfim o uso de figuras de retórica presentes na linguagem escrita (FARIA, 2001, p. 197).

Esses recursos farão um chamamento para que o leitor se sinta instigado a ler o todo da notícia. Chamar a atenção do leitor para ela não é tarefa fácil, por isso, o jornalista utiliza-se de inúmeros recursos linguísticos para cativá-lo, fazendo-se sentir entendedor do que lê. Para que isso ocorra, as manchetes precisam ser claras e objetivas.

O sentimento de entender o que está sendo lido é importante para que o jornal conquiste seus leitores, mesmo quando suas manchetes venham carregadas de sentidos ou metáforas, ele precisa sentir-se capaz de compreender o que está posto nessa manchete, mesmo não percebendo os implícitos presentes.

Na tentativa da imprensa em noticiar os fatos ocorridos, alguns detalhes passam despercebido ao olhar daquele que lê as manchetes de forma superficial e pouco crítico, aceitando na íntegra o que lhe é proposto. Se analisarmos a fundo as manchetes trazidas pelos jornais ou a maneira como as notícias nos são apresentadas, podemos concluir que o discurso jornalístico precisa optar por afastar a subjetividade para dar lugar à objetividade, precisando fazer a escolha de certas palavras no lugar de outras.

Durante esse processo de escrita, os jornalistas estão cientes dos sentimentos, reações ou emoções que o leitor apresentará. O jogo de palavras é fundamental para chamar a atenção de seu leitor, mas correm o risco de perder a sua neutralidade, ou seja, dentro da não neutralidade, os escritores buscam elementos implícitos para evidenciar discursos e apresentar uma forma de pensar e agir a partir de determinados temas.

Nesse artigo, como já explicitado, a pesquisa é voltada à teoria da enunciação, analisando os implícitos, o silenciamentos (não dito) presentes nas manchetes de dois jornais de circulação no Rio Grande do Sul, *Zero Hora* e *Correio do Povo*, e a influência que as escolhas de vocabulário ou local onde as notícias são apresentadas, podem causar nos leitores. O tema das manchetes será a política e as escolhas linguísticas e ideológicas do veículo de comunicação.

A manchete de jornal é a parte principal da notícia, pois mais destacada, apresentará resumidamente o assunto a ser tratado ficando, na maioria das vezes, no alto da página de revistas e jornais, com a intenção de chamar a atenção do leitor, sendo intencionalmente escrito com palavras que cativem o olhar para elas.

Conhecendo a importância das manchetes, separamos as notícias referentes ao meio político entre os dias 27 de setembro a 09 de outubro de 2018. Os dois jornais analisados apresentam dados referentes à mesma notícia no mesmo dia de publicação. Fizemos a leitura do material e selecionamos 10 manchetes procurando encontrar os recursos linguísticos utilizados pelos jornalistas, implícitos os não ditos ou sinônimos que deixavam evidente a

parcialidade dos jornais com os seus leitores, dessa forma, elegemos o *corpus* a ser analisado nesse artigo. As notícias de teor político se encontram presentes na capa do jornal e em seu interior, apresentadas em destaque durante a análise em itálico.

### 3- O lugar social dos jornais selecionados

O discurso produzido pelos jornais em circulação se inscrevem em um lugar social, a linguagem e a formação ideológica estão ligadas com a forma que as manchetes e notícias serão apresentadas a seus leitores. Os jornais representam os sujeitos que enunciam e, portanto, fazem escolhas no momento de “divulgar” as suas manchetes. Segundo LAPAZIN (2008), a formação discursiva de ambos os jornais é o discurso jornalístico.

O jornal *Zero Hora*, foi fundado em quatro de maio de 1964, pelo jornalista Ary de Carvalho. Em 1970, o Grupo RBS adquire o primeiro jornal *Zero Hora*, fundado por Maurício Sirotsky Sobrinho. Assim, o jornal possui um alinhamento discursivo com a rede Globo. Atualmente o presidente o Grupo RBS é o Eduardo Sirotsky Melzer, a partir de doze de julho de 2012.

O jornal *Correio do Povo*, fundado em primeiro de outubro de 1885, pelo jornalista Francisco Antônio Vieira Caldas Júnior. Durante os anos de circulação, o jornal passou por diversas transformações, a principal delas, em dois mil e sete, quando o jornal *Correio do Povo*, juntamente com a Rádio e TV Guaíba, foram adquiridos pelo empresário Edir Macedo e passou a fazer parte da Rede Record, concorrente direta do Grupo RBS, afiliada da Rede Globo. Vale ressaltar que o empresário Edir Macedo é um bispo evangélico, escritor e empresário brasileiro, além de ser líder da Igreja Universal do Reino de Deus.

Ambos os jornais são produzidos para a população gaúcha, mas representam lugares sociais distintos e desde a fundação dos mesmos, a posição de cada um deles é diferentes. Podemos salientar que o discurso jornalístico é construído pela escolha das palavras, podendo produzir sentidos, despertando emoções e sentimentos diversos no leitor, sem esquecer que essas palavras não são utilizadas aleatoriamente, mas sim, fazem parte de um jogo de escolhas adotadas pelos discursos dos jornais.

### 4- Análise das manchetes

Após a leitura de manchetes de dois jornais gaúchos *Zero Hora* e *Correio do Povo*, tendo como objetivo o cenário político brasileiro, assim, as notícias selecionadas são

relacionadas os candidatos a governador do estado do Rio Grande do Sul e à presidência, no qual são apontados pelas pesquisas como primeiros colocados para a escolhas de voto da população. É importante destacar que as notícias são publicadas no mesmo dia, para que assim, seja perceptível a influência das palavras escolhidas por ambos os redatores e como os dois jornais versam sobre um acontecimento, no mesmo dia. As manchetes foram coletadas entre os períodos de 28 de setembro a 09 de outubro de 2018 e aparecerão em itálico.

A primeira manchete analisada, seguindo uma ordem temporal, foi publicada no dia 28 de setembro de 2018. *Zero Hora* destacou na página 14 que: *GENERAL MOURÃO É ISOLADO APÓS CRÍTICAS A 13º E FÉRIAS*. A declaração, criticando o pagamento do 13º salário e de abono de férias, foi feita por Hamilton Mourão, em palestra na Câmara de Dirigentes Lojistas de Uruguaiana, ao falar sobre os custos que os trabalhadores geram aos empresários.

Em contrapartida, o candidato à presidência, Jair Bolsonaro, criticou esse discurso e garantiu que o mesmo não era válido, pois era ele, como futuro presidente, quem decidiria o que seria aprovado ou modificado no Brasil. Usando a palavra “isolado”, entende-se que o candidato à vice-presidência perde sua autoridade quanto às declarações e não dá credibilidade às declarações prestadas por seu componente de chapa.

Sendo assim, o jornal *Zero Hora* se utilizou do fato e noticiou, na voz passiva, em letras grandes, destacando que o vice-presidente havia sido isolado pelo aliado Jair Bolsonaro, de modo a deixar subentendido que mesmo a chapa sendo composta por presidente e vice, seria apenas o presidente que tomaria as decisões, sem precisar consultar a opinião do outro.

Já, o jornal *Correio do Povo* do mesmo dia, na página 03, prefere noticiar os fatos na voz ativa: *BOLSONARO DESAUTORIZA FALA DE VICE SOBRE 13º*. O candidato à presidência Bolsonaro apenas desautorizou a fala de seu companheiro de chapa, mas ainda deixa subentendido que ele como sendo “o cabeça”, possui mais autoridade nas decisões sobre temas importantes. Fica implícito que, ao ser desautorizado, ele perde sua autoridade, o que difere da primeira manchete, na qual se usa o termo referente à exclusão; logo, na última, temos um tom mais negativo para se referir à postura de seu vice, comprovando que o nome do vice fica em segundo plano, destacando o nome de Bolsonaro.

A manchete do Jornal *Zero Hora* deixa claro que as críticas foram referidas às férias e 13º salário, enquanto no jornal *Correio do Povo*, observamos que ele omite, minimiza as declarações polêmicas quando constrói a manchete referindo-se apenas às críticas feitas ao 13º e não juntamente às férias.

Como segundo tópico de análise, a notícia é do dia 1º de outubro de 2018, pelo jornal *Zero Hora*, em sua capa: *SEMANA PARA SEDUZIR ELEITORES*. Essa manchete refere-se ao

cenário estadual e nacional. No estadual a última pesquisa realizada pelo IBOPE indicou que 8% dos eleitores gaúchos não sabem em quem votar para governador. Quanto ao nacional, essa última semana é decisiva para que a disputa se decida em primeiro turno.

Assim percebemos que o jornal *Zero Hora* ao destacar em sua manchete o desejo, a intenção de “seduzir” seus eleitores, subentende-se que o leitor/eleitor será influenciado de forma emotiva, sedutora e não racional ou reflexiva. Pois quando somos seduzidos, somos explorados pela emoção e não pela razão. Subentende-se que os eleitores ainda estão indecisos e que há tempo de conquistá-los pelo lado emocional. A palavra “sedução” remete à ideia de que os eleitores serão deslumbrados, cativados, fascinados, encantados, atraídos ou motivados por esses candidatos em uma semana decisiva.

O Jornal *Correio do Povo*, no dia 1º de outubro de 2018, em sua capa, utiliza-se da manchete *MANIFESTAÇÕES MOBILIZAM MULTIDÕES EM TODO O PAÍS*. Essa manchete noticiou fatos referentes aos movimentos ocorridos em todo o país, em destaque, a capital gaúcha, sendo numerosos tanto prós e contras ao candidato Jair Bolsonaro. Destacando que os eleitores se manifestam em todo país, em escala de multidões.

Essas manifestações fazem com que a população se mobilize e busque de seus direitos, mas com uma diferença, pois da maneira como os fatos foram apresentados, deixa nítido que havia manifestações a favor e contra ao candidato Jair Bolsonaro, não citando em momento algum que houvesse mobilizações ao candidato Haddad, fato esse que o jornal *Zero Hora* apresentou de outro modo, noticiou apenas da indecisão de voto das pessoas. Assim, podemos perceber que não existe neutralidade na forma de trazer os fatos e apresentá-los à população.

Os jornais procuram utilizar o recurso poético para conquistar seu leitor. O jornal *Correio do Povo* faz o uso da aliteração nas palavras “manifestações mobilizam multidões”, o *Zero Hora* utiliza-se do som do “s” em “semana e seduzir”. Esse jogo de palavras produz uma sonoridade que contribui para o interesse inconsciente do leitor em buscar tal notícia.

Um fato a destacar é a escolha linguística utilizada pelos dois jornais. O primeiro opta pela palavra eleitores, e o segundo, opta pela palavra multidões. Existe uma diferença de sentido quando lemos e entendemos esses substantivos. A palavra eleitores faz um público específico, enquanto multidões impacta e dá sentido de amplitude, ainda focando nas “multidões em todo país”, como se a notícia fosse abordar o país inteiro, quando esse mesmo jornal dá o enfoque a capital gaúcha.

Em outra análise ainda no dia 1º de outubro de 2018, no jornal *Zero Hora*, página 10, a manchete selecionada é: *MULHERES LOTAM RUAS CONTRA BOLSONARO*. Essa evidencia que quem participou dessas manifestações foram as mulheres. O que fica claro nessa manchete

é o desagrado pela candidatura de Bolsonaro, quando na manchete utiliza-se apenas a palavra “contra”. Da maneira como o jornal apresenta os fatos, quis dar ênfase ao poder feminino e à conquista pelo voto e participação delas na sociedade. As mulheres são o foco, pois o candidato fez declarações polêmicas contra seus direitos e as minorias sentiram-se ameaçadas. Nessa manchete não está claro do lugar onde ocorrem as manifestações, o leitor só descobrirá ao fazer a leitura da notícia por completo.

Em contrapartida, o jornal *Correio do Povo* desse mesmo dia, na página 03, traz a manchete: *MULTIDÕES CONTRA E A FAVOR DE BOLSONARO*. Ela faz referência às multidões que, em dois dias, manifestaram-se. No primeiro dia, o movimento contrário e, no segundo dia, manifestantes pró-candidato. O uso da palavra “multidão” não dá ênfase em quem foram os sujeitos que fazem parte dela. Já as palavras “contra e a favor”, deixa implícito que ele tem apoiadores que defendem as ideias desse candidato e, por outro lado, existem pessoas que o repudiam, não aceitam suas propostas, sua forma de pensar, ideias polêmicas.

Podemos observar que o jornal *Zero Hora* deixa explícito, dá voz às mulheres que tomaram frente das manifestações em busca de seus direitos, enquanto o jornal *Correio do Povo*, não nos deixa claro quem é a centralidade do movimento a favor e contra, desconsiderando a luta e conquistas pelos direitos das mulheres.

No dia 03 de outubro de 2018, o jornal *Zero Hora*, página 06, traz a seguinte manchete: *DEBANDADA EM DIREÇÃO A BOLSONARO*. Esse fato noticiado é para dizer que, em segundo turno, alguns líderes decidiram apoiar os projetos apresentados pelo presidente Jair Bolsonaro. O jornal optou por usar a expressão “debandada”, deixa subentendido que os votantes desse candidato são comparados com animais correndo, que não conseguem decidir o caminho a seguir, mas sim, seguem a opinião de alguém, sendo mais fácil seguir ideias de outros, do que pensar no que é melhor para eles. Por outro lado, ao perceber que um candidato se destaca nas pesquisas, os líderes optam por seguir os que estão à frente das pesquisas, sem se preocupar com sigla partidária, mas sim a influência em detrimento àquele que está à frente, que tem mais chances de ganhar.

Já o *Correio do Povo*, do mesmo dia, página 04, traz a manchete: *FRENTE AGROPECUÁRIA DECIDE APOIAR BOLSONARO*. Nessa manchete percebe-se que pela escolha do vocábulo “decide”, deixa claro que houve ação, deliberação por um grupo que decide apoiar o presidente. A frente parlamentar agropecuária declara apoio ao presidente Bolsonaro, mesmo que os parlamentares de São Paulo continuam apoiando o também candidato Alckmin em primeiro turno. Essa manchete já sinaliza a hipótese de que o candidato Alckmin

não chegará ao segundo turno, diferente de Bolsonaro que continuará na disputa. O que eles estão remarcando é que a visão deles é anti-PT.

As manchetes dos jornais deixam posto de quem serão os possíveis candidatos no segundo turno das eleições. O jornal *Zero Hora* noticia de forma abrangente, referindo aos candidatos do Rio Grande do Sul, enquanto o *Correio do Povo* noticia apenas de um grupo de apoiadores, trazendo o jogo linguístico a palavra “apoiar” amenizando os fatos, além de que a manchete do jornal *Zero Hora* é mais sedutora aos olhos dos leitores, o uso da sonoridade e aliteração na palavra debandada, com o uso da letra “d” e letra “a”.

Já em segundo turno das eleições, tendo como candidatos a governador no Rio Grande do Sul, são José Ivo Sartori (MDB) e Eduardo Leite (PSDB). Em disputa nacional temos os candidatos Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT). Referente a isso, o jornal *Zero Hora* do dia 09 de outubro de 2018 trouxe em sua manchete nas páginas 12 e 13 a seguinte frase: *LEITE E SARTORI SURFAM NA ONDA BOLSONARO*. Após o resultado do primeiro turno, os candidatos ao governo do Rio Grande do Sul expressam a sua preferência ao candidato à presidência do Brasil que saiu à frente na votação do primeiro turno, Jair Bolsonaro. O intuito é “colar a imagem” com o candidato que está à frente das pesquisas, de modo a tirar proveito disso. O candidato Sartori declarou apoio imediato e irrestrito, logo após o resultado das urnas do primeiro turno, enquanto o candidato mais jovem, como um surfista, busca um equilíbrio na onda, sabendo que existe uma repulsa ao PT e uma discreta distância do presidenciável. Lembrando que a gíria “surfear na onda” sugere a ideia de seguir equilibrando para atingir a vitória sem cair, defendendo os mesmos ideais.

Com o uso da gíria, o jornal procura atingir um público jovem que entenderá o seu uso, havendo um subentendido que se refere ao jovem candidato Eduardo Leite, que disputa vaga com um candidato experiente, fazendo assim, o uso de uma metáfora, referente aos surfistas aproveitarem da melhor onda, como carona, para chegar ao objetivo final. Outro dado a ser apontado, é que a manchete procura abordar sobre os candidatos trazendo apenas os seus sobrenomes para apresentá-los aos leitores.

O jornal *Correio do Povo*, ainda no dia 09 de outubro de 2018, na página 05, utiliza-se da manchete: *MDB DE SARTORI ANUNCIA APOIO A JAIR BOLSONARO*. Na maneira que esse jornal busca noticiar o fato, apresenta que o partido do governador José Ivo Sartori, o MDB-RS, declarou apoio ao presidenciável Jair Bolsonaro. Diante disso, é possível interpretar que Sartori é o único candidato a apoiar o Bolsonaro em detrimento a Eduardo Leite.

Na manchete há o uso de um complemento nominal “de Sartori”, indicando que o partido é uma posse do candidato. Do jogo de palavras escolhidas, faz com que existam duas



hipóteses de interpretação de subentendido. Um leitor leigo pode entender que o partido é monopolizado por Sartori como sendo propriedade dele e não transmite uma ideia de coletivo. A segunda possibilidade de interpretação é a ligação da sigla partidária com o candidato mais votado dentro do partido, que deixa implícito que tem outro MDB- não o de Sartori- que não apoia Bolsonaro.

Outro ponto que pode se ressaltar, nessa manchete, é que o jornal usa a expressão “MDB de Sartori’ por referir-se a uma decisão tomada pelo MDB Gaúcho, que entendeu que não cabe ausência de postura nesse momento, buscando assim, a reeleição desse candidato. O enunciado não procura esclarecer se dentro do partido exista opiniões divergentes, como sim, dentro da notícia, o texto deixa claro que pode haver divergências no partido.

O uso do vocábulo “apoio” está posto que o partido em questão concorda com a bandeira que o candidato Jair Bolsonaro levantou em sua campanha para Presidência da República. Não havendo discordâncias, fato que o leitor só vai descobrir ao fazer a leitura da notícia na íntegra, quando Sartori aponta quais as identificações que estão em sintonia.

Se compararmos as duas manchetes, *LEITE E SARTORI SURFAM NA ONDA BOLSONARO (Zero Hora)* e *MDB DE SARTORI ANUNCIA APOIO A JAIR BOLSONARO (Correio do Povo)*, fica claro que o primeiro jornal aborda o assunto referindo-se aos dois candidatos, enquanto o outro destaca somente o nome de um candidato e a posição partidária do mesmo. Isso devido ao jornal Correio do Povo ter relação com Edir Macedo e consequentemente com a Igreja Universal, que cultuam princípio conservadores e tradicionais. Isso justifica o fato de haver poucas notícias sobre a campanha de Eduardo Leite, já que o mesmo é considerado jovem para entrar na vida política e não ser casado tradicionalmente.

Após as análises, é possível afirmar que há diferenças entre os dois jornais quanto à sua clareza ao noticiar os fatos, quanto à utilização de implícitos e silenciamentos, além da escolha linguística pensada nas escolhas do vocabulário que chamará a atenção do leitor para fazer continuar a leitura por completo. O local social do jornal fala muito sobre sua ideologia e da maneira que silenciará sua imparcialidade.

Mesmo que o jornal tente transmitir a ideia da imparcialidade na manchete de forma ingênua, a construção da manchete deixa claro a sua sutileza, quando busca apenas apresentar os fatos, de forma que pareça, na manchete, algo simples, mas na notícia deixa claro a sua posição, sua tendência.

Vale ressaltar que os dois jornais são de circulação Gaúcha, os dois têm identificação com redes de televisão diferentes, Globo e Record, pertencentes a um grupo nacional de

influência quanto a pensamento e uma ideologia engessada. Tendo assim, discursos diferentes, que correspondem a um grupo que defende determinados interesses.

## **Conclusão**

Encerrar um estudo é algo, no mínimo, complexo, mas também desafiador. Nesse momento, eu, Taís, preciso colocar-me como alguém que, de fato, buscou responder àquilo que me propus. Por diversos momentos, pegava-me a meditar “posso isso afirmar?”. As palavras deveriam ser empregadas com cuidado, pois uma palavra mal empregada, sugere a quem lê o que escrevo uma série de “será?”. Cumprirei a clareza, coesão daquilo a que me propus? Desde já, sei que questões foram respondidas, no entanto, como em qualquer estudo, nada se esgota, sempre fica um algo a mais a ser investigado.

O enfoque do estudo a que me propus foi analisar manchetes de jornais, voltado à teoria da enunciação, à análise de implícitos e silenciamentos. Ao definir sobre quais jornais estenderia um olhar mais atento, a escolha recaiu sobre Zero Hora e Correio do Povo. O critério decisivo foi porque os mesmos são dois importantes jornais de circulação diária no Rio Grande do Sul. Outra razão é porque sou leitora dos mesmos e tenho familiaridade com a sua estrutura e linguagem. O período da publicação das manchetes estudadas foi de 27 de setembro a 09 de outubro de 2018. O assunto escolhido foi de cunho político, tanto em âmbito nacional, quanto estadual. Esse período foi delimitado, porque o país e o Estado passavam pelo processo eleitoral na escolha de diversos cargos. Entre essa pluralidade, privilegiou-se manchetes que envolveriam notícias sobre a candidatura ao governo estadual e nacional, assim como, os nomes envolvidos nesse entorno. Como a Legislação brasileira prevê, o processo eleitoral pode acontecer em dois turnos, isso é dito, pois as manchetes, ora ocorrerão num contexto de primeiro turno, ora, no segundo. Enfim, um título ao trabalho teve que ser dado. O mesmo assim ficou definido “Posto, pressuposto e subentendido no discurso político: uma análise a partir de manchetes de jornais”. Um trabalho de Conclusão do Curso Letras Português- Inglês apresentado à Licenciatura do Curso Letras Português- Inglês da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul- UNIJUÍ.

O interesse por essa pesquisa tem um porquê. A semente em mim plantada foi quando fiz um trabalho sobre implícitos, pressuposto e subentendido; esse assunto causou-me inquietação e encantamento. Foi um trabalho significativo e prazeroso, tomei consciência que o uso da linguagem não é tão ingênuo, principalmente, no tocante ao texto jornalístico. Tomei ciência de que precisamos exercitar- ativar em nós, sujeitos leitores, o senso crítico e reflexivo

daquilo que lemos. Fato esse relevante na minha formação profissional, porque serei eu uma futura formadora de leitores.

Por que o texto jornalístico? Porque o mesmo tem um discurso próprio, muito característico, dando uma sensação de proximidade com o leitor, de intimidade com a notícia. O jornal, dentre vários objetivos, precisa transmitir a notícia, atrair a atenção do leitor e despertar sensações para que esse sujeito leitor se sinta instigado a ler o que o jornal se propôs. As manchetes parecem dizer as mesmas coisas, porém, se nos detivermos bem, veremos que há sutis diferenças.

Inicialmente, conceituei linguagem e língua à luz dos estudos de Saussure. Estudioso esse, que pesquisou os signos linguísticos e suas regras. Após, defini texto e discurso, através dos estudos de Bagno e Antunes, que estudam acerca da estrutura textual, coesão e coerência, além de questões gramaticais importantes para compreensão de um texto.

Ao entender a estrutura textual e como a linguagem nos cerca, parti para o estudo do texto jornalístico que tem o intuito de informar e cativar seus leitores, tendo a manchete papel preponderante para isso. Concluo, assim, com o estudo de manchetes, referentes à política, que os implícitos e silenciamentos (não ditos) possam ser analisados.

Para um leitor conseguir ler as entrelinhas – mensagem passada - e conseguir mergulhar nas intenções e objetivos do texto, é preciso que realize um treinamento de percepção analítico-reflexiva. Um aspecto que facilita esse processo de percepção, automaticamente gerando a compreensão, é o exercício de entender os atos de pressupor e subentender.

Partindo desses recursos, o leitor adquire a compreensão de um texto ou discurso, podendo tornar-se, assim, mais visível ao interlocutor e possibilitando, portanto, uma posição favorável perante os enunciados que lhe são destinados: a de interpretante competente. Para que isso seja uma ação consciente, deve-se levar em consideração a linguagem enquanto forma de ação ou interação, podendo ser esta, tecida por uma gama de intenções.

Pode-se perceber através da análise feita, que quando o assunto ao qual se pretende falar é a política, é perceptível a utilização de palavras chave escolhidas com um propósito, pois ao informar, o jornal já possui uma intencionalidade. Por outro lado, esse sentido pode não ser compreendido da mesma maneira por todos seus leitores, isso devido ao fato de que, esse entendimento dependerá do conhecimento de mundo que esse leitor possui, assim como, também, de seu senso crítico e, principalmente, da sua capacidade de ler informações implícitas.

Além disso, vale ressaltar que a mídia, com toda a capacidade de influências e persuasão, proporciona uma grande diversidade de possibilidades comunicacionais, estas por consequência, ampliam ainda mais o campo de significados da língua. Na decorrência da

análise dessas manchetes, é possível detectar pontos que são recorrentes e que se sobressaem aos outros em uma observação conjunta dos significados, sendo estes, explícitos e implícitos nos enunciados.

Quando tratamos dos mecanismos linguísticos que estão ativados na produção do discurso, no que diz respeito às intencionalidades do falante, é possível compreender que as relações estabelecidas entre o enunciado e a enunciação possuem caráter semântico, pragmático e ideológico, revelam dentro do próprio discurso o posicionamento e as intenções do enunciatador.

Dessa forma, quando consideramos a manchete como sendo o primeiro contato que o leitor tem com a notícia, temos, então, a convicção que a escolha do título é ancorada por marcas linguísticas, as quais posicionam os sujeitos - leitores - envolvidos no processo da enunciação. Compreende-se, com base nas análises aqui desenvolvidas, que o discurso jornalístico se utiliza muito do posto, pressuposto e subentendido, a encenação discursiva em suas manchetes, ratifico isso com a manchete *MDB DE SARTORI ANUNCIA APOIO A JAIR BOLSONARO*, que traz um posto, pressuposto e subentendido evidentes. O leitor que não possua os elementos da contextualização, pode ter dificuldades na interpretação da intencionalidade do jornal, ao ler apenas a manchete.

Podemos dizer que através desta análise, identificamos produções de sentido nas manchetes, o uso de posto, pressupostos e subentendidos que sutilmente favoreceriam a um ou outro candidato. Isso é perceptível quando o Jornal *Correio do Povo* não cita os dois candidatos, dando ênfase e preferência a um, deixando a sensação de que o outro é irrelevante, não teria espaço no meio de comunicação, sendo assim, possível questionar a sua imparcialidade. Outro momento é quando o candidato à vice-presidência faz declarações polêmicas, o jornal procura amenizar, omitindo termos, como no exemplo: *BOLSONARO DESAUTORIZA FALA DE VICE SOBRE 13º*.

Enfim, sem esquecer da importância que esse trabalho representa na minha formação profissional e acadêmica, pois foi nesse momento que eu pude relacionar a teoria e a prática de todo o tempo que cursei Letras. Despertar o senso crítico dos alunos é papel fundamental na vida de um professor, por isso, a escolha desse tema. Precisamos exercitar como sujeito leitor o senso crítico e reflexivo de tudo que lemos a nossa volta. Vale ressaltar, ainda, que no decorrer do estudo inúmeras dificuldades surgiram. Busquei, então, materiais para superá-las. Apesar disso, aponto que ficaram algumas lacunas no que tange às teorias e a forma de relacioná-las. Isso não tira a validade da pesquisa, no entanto.

Ao término das reflexões, eis aqui uma leitora em potencial, pois analisando e refletindo sobre as manchetes, percebi que o leitor está sempre em construção e que o jornal possui um propósito ao anunciar os fatos, procurando conquistá-los, tanto os leigos, com palavras bonitas ou pela sonoridade, como os leitores experientes pelo silenciamentos e não ditos.

Durante a realização desse trabalho, busquei teóricos para concretizar, completar a minha análise, até porque, não podemos concluir os fatos do vazio, precisamos de ideias coesas e autores que falem com propriedade sobre o assunto em questão como cita ANTUNES (2010) “um texto não ocorre no vazio, no abstrato, fora de um texto contexto sociocultural determinado”.

Falar sobre política não foi uma tarefa fácil, precisei me manter neutra durante a análise, fato esse que eu procurei realizar, não seguir ideologia para que, ao final das análises, fosse perceptível a reflexão linguística e não partidária ou defender um jornal; tentei, portanto, ser idônea.

Ao finalizar esse trabalho, cito palavras de Guimaraes Rosa, na voz de Riobaldo: “Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa”, por assim me sentir. Saio desse estudo uma outra Taís, sem dúvida. A outrora leitora dá lugar a uma renovada, mais perspicaz, mais curiosa, questionadora, mais desconfiada. Assim que leio uma manchete, pergunto-me o que estão a querer de mim. Tomei mais consciência do que há por trás da intenção de tal escrita. Jamais analisarei, ouvirei uma música ou poema, ou texto com os mesmos olhos com que eu cheguei ao Curso. Assim, reafirmo, como diz Riobaldo: *O mais importante e bonito, do mundo, é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas vão sempre mudando*”.

## Referências

ANTUNES, Irandé. *Análise de textos. Fundamentos e práticas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer. Palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAGNO, Marcos. *Análise de textos. Fundamentos e práticas*. In: Sobre Peixes e Linguagens. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. 5ª edição. Campinas: Pontes, 2005.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

BOLSONARO DESAUTORIZA FALA DE VICE SOBRE 13°. Disponível em:  
<http://digital2.correiodopovo.com.br/pub/correiodopovo/?numero=4025&edicao=4350#page/3> <acesso em 28/09/2018, às 10h10>

CHAUÍ, Marilena de Souza. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

DEBADADA EM DIREÇÃO A BOLSONARO. Disponível em:  
<http://flipzh.clicrbs.com.br/jornal-digital/pub/gruporbs/?numero=2019805&edicao=5772#page/6> <acesso em 03/10/2018 às 10h40>

DUCROT, Oswald. *Princípios de Semântica Linguística. Dizer e não dizer*. São Paulo. Editora Cultrix, 1977.

FARIA, Maria Alice. Manchetes e títulos no jornalismo impresso brasileiro: o dito e não-dito. In AZEVEDO, José Carlos de (org.) *Letras e comunicação: uma parceria no ensino de língua portuguesa*. Petrópolis Vozes, 2001. P. 196-212.

FIORIN, Jose Luiz. *As astucias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2002.

FIORIN, José Luiz. *Introdução à Linguística*. 3ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FRENTE AGROPECUÁRIA DECIDE APOIAR BOLSONARO. Disponível em:  
<http://digital2.correiodopovo.com.br/pub/correiodopovo/?numero=4030&edicao=4355#page/4> <acesso em 03/10/2018 às 10h15>

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, Escrita e Poder*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GENERAL MOURÃO É ISOLADO APÓS CRÍTICAS A 13° E FÉRIAS. Disponível em:  
<http://flipzh.clicrbs.com.br/jornal-digital/pub/gruporbs/?numero=2019785&edicao=5742#page/15> <acesso em 28/09/2018, às 11h00>

GOBBI, Jaqueline. *Subjetividade da linguagem: Marcas de subjetividade em títulos e manchetes de jornais*. Ijuí, 2009, 38 f. Monografia (graduação) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (Campus Ijuí, Campus Santa Rosa e Campus Três Passos). Curso de Letras - Português e respectivas literaturas.

JORNAL ZERO HORA. Disponível em: <http://www.gruporbs.com.br/atuacao/zero-hora/> <acesso em 05/12/2018, às 20h>

JORNAL ZERO HORA. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/zero-hora> <acesso em 05/12/2018, às 20h03>

JORNAL CORREIO DO POVO. Disponível em:  
<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-do-povo> <acesso em 05/12/2018, às 20h10>

LAPAZIN, Selma Regina. *Zero Hora e Correio do Povo: diferentes formas de dizer*. Ijuí, 2008.

LEITE E SARTORI SURFAM NA ONDA BOLSONARO. Disponível em: <http://flipzh.clicrbs.com.br/jornal-digital/pub/gruporbs/?numero=2019823&edicao=5801#page/13> <acesso em 09/10/2018 às 11h00>

MACEDO. Disponível em: <https://blogs.universal.org/bispomacedo/biografia/> <acesso em 05/12/2018, às 20h17>

MANIFESTAÇÕES MOBILIZAM MULTIDÕES EM TODO O PAÍS. Disponível em: <http://digital2.correiodopovo.com.br/pub/correiodopovo/?numero=4028&edicao=4353#page/1> <acesso em 01/10/2018, às 10h00>

MDB DE SARTORI ANUNCIA APOIO A JAIR BOLSONARO. Disponível em: <http://digital2.correiodopovo.com.br/pub/correiodopovo/?numero=4036&edicao=4361#page/5> <acesso em 09/10/2018 às 10h30>

MULHERES LOTAM RUAS CONTRA BOLSONARO. Disponível em: <http://flipzh.clicrbs.com.br/jornal-digital/pub/gruporbs/?numero=2019799&edicao=5764#page/10> <acesso em 01/10/2018 às 11h40>

MULTIDÕES CONTRA E A FAVOR DE BOLSONARO. Disponível em: <http://digital2.correiodopovo.com.br/pub/correiodopovo/?numero=4028&edicao=4353#page/3> <acesso em 01/10/2018 às 11h00>

MUSSALIM, Fernando; BENTES, Anna Christina (Org.). *Introdução a linguística: domínios e fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2004.

ROSA, Joao Guimaraes, Grande Sertão: Veredas / 20 ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo, 1969, Cultrix, 2004.

SEMANA PARA SEDUZIR ELEITORES. Disponível em: <http://flipzh.clicrbs.com.br/jornal-digital/pub/gruporbs/?numero=2019799&edicao=5764#page/1> <acesso em 01/10/2018 às 11h30>